

SEGUNDO

RELATORIO

bolsista: Lúcia Helena Oliveira Silva

nov./1996

INTRODUÇÃO

O presente relatório corresponde a prestação de contas da segunda parcela da dotação recebida e os apontamentos levantados na pesquisa que se encaminha para a fase de redação. Ele apresenta as primeiras conclusões e os dados estatísticos, bem como uma primeira versão do texto que se constituirá o último relatório desta pesquisa.

Panorama do período

No final do século XIX, dois grandes acontecimentos haviam se deixado sua marca no Brasil: A Abolição e o regime republicano. Eles vinham como resultado de uma intensa movimentação de grupos insatisfeitos com os rumos da administração imperial. A Abolição acabou por se tornar uma ação do governo imperial, com o decreto da Princesa Isabel. Já a República viabilizou-se a partir da articulação do exército e dos grupos republicanos. Os clubes republicanos, bem como as manifestações de descontentamento, vinham pululando com frequência desde partir de 1870. Enquanto que os clubes eram basicamente formados pelas elites letradas das províncias, as manifestações tinham a participação de variados setores da população, em especial as classes médias oriundas do pequeno comércio, fábricas artesanais, funcionalismo estatal, prestadores de serviços, profissionais liberais e soldados do baixo escalão. Elas manifestavam-se junto a classe populares que não suportavam a carestia e a perda violenta do poder de compra de seu salários. O aumento das classes

médias começou a partir da ascensão da atividade cafeeira e a diversificação de investimentos que o café proporcionou, absorvendo pessoas para neles trabalharem. Ainda que numericamente singela, a participação das classes médias demonstrava a ampliação de movimentos, nem tanto pelo seu caráter político mas sobretudo como forma de protesto por melhores condições de vida.¹

A queda do Império não surgira de uma ampla movimentação popular, mas era resultado da união de vários setores, que não representavam o todo da população. Apesar disso, a República não também não chegou a ser um acontecimento que causasse surpresa. Dias antes da Proclamação, como que antevendo a sucessão de acontecimentos que ocorreriam, D. Pedro II presidiu um último grande evento social, o Baile da Ilha Fiscal, uma despedida simbólica dos tempos de realza. Os vários gabinetes que se sucederam nos últimos períodos da monarquia tinham demonstrado o regime perdera a sustentação política, embora procurasse manter seu apelo popular através da figura do imperador.

¹ Coloco aqui classes médias e não uma única classe pois embora fossem grupos intermediários entre a aristocracia e as camadas populares eles não eram homogêneos. Havia os profissionais liberais, pequenos comerciantes e funcionários de médio escalão dentro da burocracia estatal e os de situação mais modesta como caixeiros, contínuos, amauenses etc.

Iniciado o novo regime, duas tendências se destacaram: Uma radical, encabeçada por Silva Jardim que "defendia um movimento armado, popular e de renovação político-social" e, outra ala mais moderada com participação de positivistas e republicanos que defendiam uma transição pacífica e mudanças menos drásticas representados por Quintino Bocaiúva e Benjamin Constant.

O advento da República, aflorou os conflitos de oposições, sendo predominante a ala moderada. Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto fizeram o período da República chamado República da Espada onde o traço marcante foi a linha de ação que procurava eliminar os dissidentes do regime e focos monarquistas. Esta tarefa era particularmente difícil, se pensarmos que a resistência ao governo começava dentro dele próprio. Composto por grupos de várias tendências opostas, o governo se compunha dentro da contradição de se optar um regime democrático que usava constantemente poderes ditatoriais.

As divergências iam do questionamento da legalidade do presidente República (pois Deodoro da Fonseca não havia sido eleito) ao uso excessivo da repressão nas manifestações de protesto. Em 1891, resultado destas pressões, surgiu a primeira Constituição republicana. Embora a Assembléia Constituinte fosse destituída ela trazia alguns avanços mantendo a divisão de poderes, eliminando o

poder moderador, criava o município neutro que tornava-se a capital federal, mantinha a inviolabilidade do Congresso além de conceder relativa autonomia aos estados (antigas províncias) pelo federalismo. Embora fosse a Lei Maior da República, a Constituição foi constantemente desrespeitada pelos chefes da nação. Eram célebres os episódios de abuso de autoridade como quando Floriano Peixoto nomeou um médico amigo seu, para ser Ministro do Supremo Tribunal Federal².

Em 1891, após a renúncia de Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto subiu à presidência mantendo a truculência do governo anterior, em especial, com os movimentos de protesto como a Revolução Federalista e Revolta da Armada³.

Porém, o perfil mais nítido da República Velha veio com os governos civis a partir da eleição de Prudente de Moraes. As oligarquias puderam então se manifestar claramente colocando seus interesses frente aos interesses da população, criando mecanismos que defendessem sua área econômica e permitissem que sempre estivessem no governo participando das decisões.

² Cargo que só poderiam ter Magistrados, conferir em Leoncio Basbaum *História sincera da República*. 4 ed., vol.2, São Paulo, Alfa-Omega, 1975-76, p.25

³ A respeito da repressão usada em combate ao movimento da Armada, Lima Barreto faz observações brilhantes em seu livro, *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Ver em LIMA BARRETO, Afonso Henriques. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. SP, Atica, 1988

Prudente de Moraes, de origem paulista, buscou trazer a "unificação e a pacificação do país". Aliou-se mais a economia internacional que às medidas protecionistas que asparavam a nascente indústria brasileira. Legítimo representante da oligarquia paulista, procurou defender principalmente as exportações de café uma vez que no mercado externo o preço da saca de café estava em queda (de 4 libras em 1886 para 1/2 libra em 1896). Ainda neste período ocorreu o Encilhamento, política emissionista favorável à criação de indústrias e outros tipos de empresas que acabou por gerar uma grande especulação financeira e sérios problemas na Bolsa de Valores devido as indústrias fantasmas das quais se vendiam ações.

Politicamente, Prudente de Moraes enfrentou a oposição de florianistas e um atentado por parte de grupos radicais, escapando de um tiro dado um soldado do Exército mas foi a Revolta de Canudos, o movimento de maior evidência. Ocorrida no sertão da Bahia, Canudos foi uma revolta de raízes socio-econômicas, motivada pelo ciclo de secas (oriundas desde a segunda metade do século XIX até aproximadamente 1915), miséria, grande influência religiosa (messianismo), além dos desmandos dos políticos locais representados pelos coronéis que praticavam sua própria lei. O exército a mando do governo federal e insuflado pela

"imprensa jacobina", promoveu uma violenta repressão aos rebelados que resistiram a várias incursões. Tal repressão se justificava como forma de acabar com focos monarquistas. Não só combateram estes revoltosos mas todas as pessoas e órgãos manifestamente monarquistas contrários a República⁴.

A pacificação de Canudos trouxe a estabilidade ao governo de Prudente de Moraes e afastou definitivamente os adversários florianistas (Maranhão:1981;165). Mais do que isso contribuiu com uma migração substancial da Bahia para a Capital Federal, pois muitos combatentes do Exército vieram em busca do soldo que nunca mais receberam, estabelecendo-se na cidade junto às camadas carentes. Com o advento de Campos Salles, a situação econômica se solidificou devido a um saneamento econômico, onde o país se comprometeu com o *Funding Loan*. Mas se o orçamento equilibrou-se graças a uma política de contenção de despesas, outras áreas acabaram por sentir os efeitos desta recessão, com sistema bancário levando uma quebra de 50% e uma queda drástica no consumo, levando a uma crise interna. Campos Salles consolidou o poder das

4 Acusavam-se os monarquistas de rebeldes e de estarem "mancomunados com Canudos. Em nome de tal idéia, assassinou-se por exemplo, o jornalista Bentil de Castro". Como afirmou Walquiria D.L. Rêgo, a repressão mais bárbara sobre os sertanejos legitimavam-se no princípio de salvação das instituições da República. Sobre a questão da hegemonia e a reconstrução jornalística da representação ideológica sobre Canudos ver Walquiria D.L. Rêgo, Estado e revolução no Brasil, SP, USP, 1981, mimeo. e Walnice N. Galvão, No calor da hora, SP, Atica, 1974.

oligarquias do café, buscando apoio nas oligarquias estaduais através da política dos governadores, troca de apoio político entre as oligarquias estaduais e o governo federal que garantia a eleição a nível federal dos "candidatos oficiais" e estadual das oligarquias locais.

Campos Salles foi sucedido por Rodrigues Alves, também paulista, que aproveitando-se da economia saneada e do apogeu do ciclo da borracha, realizou uma série de mudanças na cidade do Rio de Janeiro, visando modernizá-la, adequando-a a sua posição de capital do país. Paralelamente a este fato, empreendeu uma campanha de saneamento visando combater as epidemias de febre amarela e varíola. As desapropriações feitas em nome da modernização e do saneamento, desagradaram profundamente a população pobre, que via-se desalojada de suas casas para a ampliação e modernização da zona central da cidade e sem que nenhuma opção fosse-lhe oferecida. Este conjunto de mudanças arquitetônicas e a derrubada de antigos prédios de regiões inteiras começou a se tornar uma febre, partindo da capital federal indo até o Amazonas, onde o ciclo gumífero proporcionava muitas riquezas. O objetivo em todos os lugares era trazer modernidade importando estilos e civilidade européias, sobretudo franceses que representavam o mais alto grau de desenvolvimento ocidental. Vinda do período de recessão do governo

Campos Salles, a população do país e principalmente, a população do Rio de Janeiro, vivenciava um clima de revolta contra as autoridades estatais, que deflagrou-se quando foi decretada a vacinação anti-variólica obrigatória, conhecida como a *Revolta da Vacina* (em novembro de 1904). A repressão não tardou a baixar, e só após 3 dias de conflitos é se conteve os revoltosos. Centenas de pessoas foram desterradas para o Acre, havendo muitas prisões e expulsões de estrangeiros. Não se tratava apenas de uma questão de ignorância por parte da população, mas toda uma tradição de protestos alimentada pela imprensa e a burguesia que ainda tinham lembranças dos truculentos métodos usados na campanha de vacinação contra a febre amarela. A repressão deixava claro o projeto modernizador da capital que ansiava por novas formas de viver e pelo *expurgo das classes populares* que em toda sua expressão, lembravam o Brasil de uma tradição que as autoridades queriam esquecer.

Seguindo a política do café-com-leite Afonso

⁵ Apesar dos estudiosos da Revolta da Vacina falarem de uma grande repressão, não encontramos nenhum registro de prisão que falasse desta revolta ou desse outra referência similar. Consultamos os dois únicos livros disponíveis do acervo da Casa de Detenção referente ao período e, acreditamos que, ou os registros não foram sequer feitos ou a documentação referente a esta revolta foi destruída pela ação da má conservação ou propositalmente.

⁶ Sidney Chalhoub também ressalta a tradição africana herdada pela população negra como um componente responsável pela resistência a vacinação no período da vacinação anti-amarilica. Ocorrida décadas depois, esta mesma tradição de resistência poderia ter se mantido no seio da comunidade negra carioca. Conferir em

Pena assumiu a presidência, mantendo a política de valorização do café, os incentivos a imigração e a ampliação a malha ferroviária com ligações inter-estaduais (São Paulo-Rio Grande do Sul, Rio- Espírito Santo). Sua linha de administração seguia as orientações anteriores no que dizia respeito as camadas populares, mantendo a reformulação urbana do município neutro e o desalojamento da população pobre que cada vez mais ocupavam as encostas dos morros. A morte de Afonso Pena e a ascensão de Nilo Peçanha não alteraram este quadro social, enquanto que paralelamente no interior do país, ocorria o fortalecimento do coronelismo como forma de política local. É a partir do governo de Hermes da Fonseca que este panorama passa a se alterar. Um novo período de descontentamentos trouxe novas revoltas como o Contestado e a Revolta dos Marinheiros, o processo de decadência da borracha além do prenúncio de uma guerra em escala mundial. São Paulo já mais industrializado, ampliara seu mercado de trabalho nas fábricas ao mesmo tempo em que praticamente liderava em quantidade de greves. Estes movimentos adentraram o governo de Venceslau Brás, trazendo a habitual violência policial, mortes e expulsões de trabalhadores estrangeiros. Em meio a esta situação, empresários e fazendeiros paulistas começavam a questionar-se a respeito das reais vantagens da mão-de-obra estrangeira

que eles haviam incentivado e trazido para o país. Os efeitos da guerra começaram a fazer-se sentir com a procura de produtos produzidos no país, arrefecendo a crise econômica. Coincidência ou não, já no final da década de dez, a migração paulista dirigida ao Rio de Janeiro havia perdido a sua força.

Em todos estes governos, ficou evidente o descompromisso com as camadas populares, que pagavam pelos planos financeiros mal-sucedidos, pela recessão e conseqüente alta do custo de vida. Estes grupos não tinham acesso ao pleito e conseqüentemente ao direito de participação política na escolha de representantes seus junto ao governo. Eles no entanto, se manifestavam através das revoltas, greves que eram acontecimentos pontuais, mas principalmente, cotidianamente criando formas alternativas de busca para obter aquilo que o descaso governamental se negava a enxergar: sua existência.

Introduzindo nossos sujeitos

As mulheres libertas migrantes paulistas foram um grupo dentre os muitos que vieram para a cidade do Rio de Janeiro. Distintas pela condição e gênero, estiveram inseridas dentro de um coletivo maior, formado pela população pobre da cidade. Junto a ela, recriaram sua identidade social e política na busca de solucionar um problema que se colocava a todos que adquiriam a liberdade; tenta vivenciar um vida digna.

Para as libertas paulistas, havia o desafio de aprender a lógica da cidade e as práticas cotidianas, uma vez que traziam a experiência de outra cidade. São Paulo e mais especificamente a capital, eram nas palavras de José de Souza Martins "uma cidade que apenas no século XX deixara de ser um apêndice do campo". As transformações vinham sobretudo, a partir da cultura do café. Na primeira década deste século, metade do café produzido no mundo vinha de lá. Neste mesmo período, a arrecadação deste estado passou a ser um terço de toda a arrecadação federal. Desde a última década do século XIX, o capital cafeeiro vinha se estruturando, criando uma sólida estrutura de base com as ferrovias, iluminação pública e outros equipamentos públicos voltados para a melhoria do centro urbano. Multiplicavam-se os investimentos em áreas do comércio (importação e exportação), além do surgimento de bancos e Casas de Comissão que também

iam adquirindo funções bancárias. Toda esta movimentação econômica atraiu pessoas de todos os lugares. A população de São Paulo crescia rapidamente em especial, devido ao influxo de imigrantes. Porém paralelo a este crescimento, a população negra diminuía. Florestan Fernandes constatou este declínio após a Abolição, que acentuou-se nos anos posteriores.

Estes dados possibilita-nos pensar que as libertas paulistas poderiam estar no mínimo equivocadas em sair de um lugar que prosperava indo para outras regiões. Era até mesmo pertinente entender que a convivência de libertos e imigrantes era incompatível. Na realidade, esta aparente incompatibilidade vinha menos dos próprios grupos do que dos fazendeiros paulistas, que preferiram estrangeiros como seus trabalhadores, pagando salários diminutos e vinculando os imigrantes através de suas dívidas à terra. Esta escolha era em verdade, "uma opção étnica em termos de mão-de-obra" (Andrews:1991 e Correia Leite:1992). Ademais, a chegada de imigrantes não se dava apenas no campo. Rapidamente após a Abolição, os jornais paulistas apinharam-se de classificados pedindo empregadas brancas,

7 Segundo dados de Florestan Fernandes e Roger Bastide o nº de negros em São Paulo decaía no final do séc. XIX. Em 1886 eles eram 21% da população e em 1890, diminuíram para 12,9%. Para uma discussão sobre a população negra em São Paulo, ver Florestan Fernandes. A integração do negro na sociedade de classes. vol.1, 3ª ed., SP, Atica, 1978.

preferivelmente européias (italianas). Estas dificuldades de colocação, pesavam consideravelmente ao pensar em um lugar para se fixar. Assim, muitos libertos foram para o interior do estado em regiões que abriam-se para a cultura do café, para trabalhar nas fazendas como meeiros, como assalariados mas também para trabalhar para si mesmo. Tal como nos Estados Unidos e Caribe, os ex-senhores ficavam chocados em perceber que muitos libertos preferiam trabalhar em sua própria cultura, geralmente de subsistência do que nas grandes lavouras. Eric Foner define bem a situação ao colocar que *"os negros podem não ter sido homens racionais do ponto de vista econômico, no sentido entendido pelos economistas clássicos (isto é, trabalhadores assalariados dispostos e disciplinados) mas isso não refletia uma aversão ao trabalho, e sim o desejo de trabalhar sob circunstâncias de sua própria escolha"*. (Foner:1988, 43- 44).

Para as mulheres, a opção de permanecer em áreas urbanas parecia ser mais atraente. Ainda que houvesse a concorrência do braço imigrante, restavam a elas, as vagas não preenchidas no serviço doméstico, pois nem todos podiam se dar ao luxo de custear empregadas européias. Nas cidades os ganhos acabavam sendo eram maiores e o tipo de serviço bem mais leve do que no campo. Migrar para um local de grande desenvolvimento urbano, seria uma possibilidade de ampliar o campo de colocações, proporcionando

proventos para si e para família.

A migração era um processo amplo e complexo que extrapolava um simples mecanismo de expulsão e atração, usado como fator explicativo para este tipo de movimento ou, uma simples decorrência de correlações climáticas e econômicas (pensamos aqui particularmente nos estudos sobre a migração nordestina). Ela envolvia um processo histórico, que incluíam " fatores sociais, culturais e subjetivos que influenciavam tanto para uma decisão de saída como para a escolha de um lugar de destino".

Migrava-se regularmente de São Paulo para o Rio de Janeiro há algum tempo. Desde a década de sessenta do século XIX, verificavam-se regularmente, registros de escravas fugidas e libertas de condição não comprovada vindas de São Paulo. Em três livros (num total de 1050 mulheres) analisados, encontramos 82 mulheres nestas condições ou seja, 12,8% do total das mulheres libertas e escravas aprisionadas sendo a maioria delas (70%) era solteira.

Este movimento migratório deve ter sido positivo pois ele se manteve com o advento da Lei Aurea o que indicava que as mulheres não iam apenas em busca de um suposto lugar de fuga. Provavelmente, uma das

3 A Sociologia tem trabalhado largamente a gênese de movimentos migratórios, em especial sobre o êxodo rural. Conferir em Souza Barros Êxodo e Fixação.

explicações para compreender este fluxo contínuo, estivesse no destino escolhido por estas mulheres libertas a cidade do Rio de Janeiro.

A chegada

Era noite de abril de 1892, quando adentrou ao recinto da Casa de Detenção, o praça Antonio Maria trazendo consigo uma mulher de nome Mathilde. A dita Mathilde era acusada de estar promovendo desordens e arruaças e ao ser repreendida pelo policial, acabou por agredi-lo verbalmente. Por sua má conduta, ela recebeu dez dias de prisão. Nem bem completara quatro dias de liberdade e de foi novo Mathilde foi presa. Agora era acusada de desordem e, talvez pela sua reincidência, foi condenada a treze dias de prisão. Início do mês de maio e em seu primeiro dia, já pelas onze horas da noite, chegava à Casa de Detenção o praça Aparício com nossa já conhecida Mathilde. Desta vez, não registrou-se a data de sua soltura mas acreditamos que seu período de prisão não tenha excedido a uns quinze dias pois no dia dezoito deste mesmo mês, Mathilde foi presa novamente. Sua prisão repetiu-se ainda por mais quatro vezes neste mesmo ano de 1892.

Nas idas e vindas desta mulher na prisão, fomos descobrindo um pouco dela e de seu universo. Era paulista, vinda recentemente da província de São Paulo (ela dizia meses), liberta e solteira. Demonstrava ter familiaridade com a cidade, pois era presa sempre em companhia de "amigos". Como a maioria das mulheres presas, declarava ser lavadeira e não alterou sua profissão em nenhuma das autuações. De fato, o serviço que fazia, exigia que andasse pela cidade inteira para buscar e entregar suas encomendas. Mais do que isso, era necessário que tivesse clientela, o que exigia um mínimo de conhecimento das pessoas e do lugar. Mathilde pela variação de locais de suas prisões, parecia frequentar a área central da cidade. Havia sido presa à rua do Nuncio, na Praça da Aclamação, à rua de São Pedro, à Rua do Passeio. Estes locais tinham grande concentração de pessoas, geralmente muito pobres que viviam e trabalhavam ali mesmo pelo centro, morando frequentemente em casas de cômodos ou cortiços. Pelo endereço, Mathilde poderia fazer parte deste grupo.

Na pesquisa que estamos realizando, percebemos grande parte das mulheres presas à noite (70% das mulheres presas), diziam ser lavadeiras. Começamos a

 9 Entendemos aqui como amigos, pessoas que a conheciam sem questionar o grau de intimidade: Como veremos adiante, as pessoas encontradas com ela poderiam inclusive fazer parte de uma transação comercial.

desconfiar que a profissão de lavadeira poderia ser uma forma de encobrir uma outra profissão: prostituta. Não encontramos nenhuma mulher que assumisse ser declaradamente prostituta, mas em alguns casos esta evidência era facilmente comprovada, porque elas eram obrigadas assinar termos de bem viver e flagradas na rua em trajés impróprios.

Haviam diferenças entre uma suposta lavadeira e uma lavadeira de verdade. As diferenciações começavam da situação em que normalmente eram presas e os termos usados para descrevê-las. As falsas lavadeiras eram designadas com os termos ébria habitual, desordeira conhecida, vagabunda da redondeza, praticando atos imorais enfim termos pejorativos e que demonstrassem que elas não eram presas ocasionais. Em uma ocorrência comum que envolvesse lavadeiras de fato, a designação mudava para desordeira, enfurecida, briguenta mas dificilmente usavam-se termos que as desqualificassem moralmente ou que demonstrassem uma rotina daquela situação. De qualquer modo, a profissão não gozava mesmo de boa reputação e expressões como "conversa de

10 Em dissertação de mestrado, trabalhamos com algumas escravas libertandas cujos donos tinham que assinar termos de bem viver e outras já libertas que eram obrigadas a assinar tal termo, se comprometendo a obter moradia fixa e emprego. Em todos os casos eram claras as evidências de prostituição, endoçadas pelas críticas de jornais locais.

11 Encontramos em um livro de 1890, a prisão de Josefa dos Santos, que foi presa na Praça da Aclamação, apenas de saia, às 9 horas da noite.

lavadeira", boca de lavadeira" já eram usadas desde aquela época.

As penas também diferenciavam-se sendo sempre maiores para as *falsas lavadeiras*. Uma outra evidência eram a ocorrências.. Em brigas de lavadeiras comuns citavam-se normalmente os envolvidos, com uma descrição rica, talvez porque boa parte das vezes contivesse informações pitorescas como os xingamentos e motivos das brigas (quase sempre fofocas ou brigas de crianças onde adultos tomavam parte). Mathilde afirmara em sua primeira prisão que tinha 22 anos e nas demais prisões que sofreu, dizia ter 24 anos o que indicava em qualquer uma das duas possibilidades, que nascera antes da Lei do Ventre-livre, possivelmente escrava. A época da Abolição contaria então, com 18 ou 20 anos o que demonstra que a decisão de migrar ocorrera logo mas não imediatamente a Lei Áurea.. decisão. O que teria motivado Mathilde a migrar quatro anos após a Abolição?

Seriam as dificuldades no mercado de trabalho? O Rio seria melhor que São Paulo para as mulheres? Sandra Lauderdale diziaEsta migração seria espontânea? A necessidade de braços para a lavoura

¹² Como em um processo em que encontramos a preta Felismina sendo autuada por agressão a um menino que havia lhe jogado pedras quando passeava na Praça da Aclamação e sua mãe veio em seu socorro envolvendo-se em briga com a agressora. 1901, T7, processo nº 69.

cafeeiro fazia com que houvesse um intenso comércio de escravos para estas áreas.. Assim, muitos escravos foram deslocados para o Vale do Paraíba fluminense e depois para o Vale do Paraíba paulista e finalmente para o Oeste Paulista. Portanto, o movimento de escravos do Rio de Janeiro era em direção a estas regiões. O desagrado dos fazendeiros perante a Abolição, era boa parte pela crescente necessidade de mão-de-obra. Deste modo, o movimento de escravos ou de libertos em sentido oposto ou seja, de São Paulo para o Rio de Janeiro não se fazia pelas determinações do mercado, ao menos do mercado formal.

Outra hipótese para auxiliar a responder esta questão seria o endereço de Mathilde. Com exceção de uma prisão, em todas as vezes em que foi presa, a liberta sempre declarava o mesmo endereço, a Rua do Nuncio. Este endereço foi dado duas outras vezes em diferentes períodos por outras mulheres libertas paulistas que foram presas. Ele poderia representar um lugar de acolhida as estas mulheres, uma espécie de colônia. A prática de receber conterrâneos em um lugar para onde se migra é ainda hoje muito comum seja em migrações contínuas ou esporádicas. Aos libertos esta prática não diferia. James Grossman cita o caso de uma mulher descendente de libertos que se mudara do Mississippi para Chicago e escrevia aos seus conhecidos do Mississippi oferecendo quartos. Aparentemente seu lar

era o ponto inicial para muitos migrantes do sul. A migração além de se ligar a busca de um lugar onde as condições adversas podiam ser superadas, compreendia um direcionamento dado por conhecidos, amigos, parentes ou mesmo estranhos que informavam sobre um lugar propício. O Rio de Janeiro tinha fama de um local que tratava com liberalidade os escravos e forros, apesar da vigilância social e suspeição, comum a todos os negros, desde os tempos de D. João VI. Esta tendência manteve-se posteriormente. Sidney Chalhoub ao estudar os últimos anos de escravidão na cidade, nomeou espaço de morada de libertos e escravos de "cidade negra". Neste local vivia-se fora do controle senhorial direto, ao mesmo tempo em criara um espaço de identificação afro-brasileira. A existência de um lugar como este, poderia motivar uma mudança que seria ainda melhor aceita como opção de destino, se neste lugar houvesse conhecidos que acolhessem. A rua do Nuncio nº35, bem poderia ser um destes locais de acolhida. Entre outros grupos de diferentes regiões do país, detectava-se a mesma prática. No grupo dos baianos era célebre a

13 Conferir em GROSSMAN, James R. *Land of Hope Chicago southerners, and the Great Migration*. Chicago, The University of Chicago Press, 1991, cap.3

14 Conferir em . Leila M. Algrante. *O fator ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro- 1888-1922*. Petrópolis, 1988.

15 Para uma melhor descrição da cidade negra ver Sidney Chalhoub. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. SP, Cia das Letras, 1990, cap. 3

história de tia Ciata ou Hilaria Baptista de Almeida que mudou-se da Bahia para o Rio de Janeiro no final do século XIX. Aqui casou-se, foi doceira e renomada babalorixá. Os baianos que chegavam a cidade sempre encontravam alojamento em sua casa e de outros conterrâneos como tia Bebiana e Miguel Pequeno. Tal prática poderia encontrar procedimento semelhante no seio da comunidade paulista.

O conhecimento de condições favoráveis e a comunicação entre os libertos, seriam dados muito importantes para uma decisão em migrar e para onde migrar. As libertas que encontramos em sua maioria absoluta não sabiam ler ou escrever portanto, as formas de comunicação que estabeleciam teriam que driblar esta dificuldade. Na verdade quando pensamos em comunicação sem escrita ou leitura, temos que dimensionar que o mundo do século XIX e parte do século XX, eram composto em grande parte de pessoas analfabetas. Senhores e escravos, pobres e ricos não dominavam os rudimentos da instrução escolar. Notícias de jornais eram lidas em rodas, discutidas em praças e nas casas, nas conversas, durante as refeições, enfim no âmbito do lar e da rua. Todas estas formas de comunicações eram valiosas para as libertas, além da comunicação entre libertos de

16 Roberto Moura faz um levantamento sobre a herança cultural baiana colocando as condições de migração. Conferir em *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2 ed., RJ, Secretaria Municipal de Cultura, 1995

diferentes regiões, viajantes e mascates.

Além disso, as libertas desejavam alcançar uma cidadania que necessariamente, não incluía de imediato a alfabetização. Apresentar-se calçado, bem vestido, poder esmolas, ter um pedaço de terra ou uma casa, eram atributos tão ou mais importantes que ler e escrever. Era uma noção bem diferenciada da noção que temos da cidadania como se concebe hoje (noção dada a partir da Revolução Francesa). A idéia de uma condição incompleta de cidadania a partir da ausência de alfabetização foi uma criação da República, mais especificamente de um parecer de Rui Barbosa no ano de 1891. Criado como um ato de coação às autoridades, para que encarassem o problema da instrução das classe populares, um problema que já vinha a séculos, e que era um espaço domínio total da Igreja Católica, ele acabou por se converter em um aliado das oligarquias que desejavam alijar a população do acesso ao voto e manter diminuto e controlado seus currais eleitorais, cerca de 2% da população do país.

Conclusão

Nossa intenção é poder problematizar melhor a questão ao finalizar esta pesquisa com um último retorno ao Arquivo para conferência de dados. Os livros de 1908 até 1917 estão quase todos sem condições de acesso à pesquisa e talvez eles possam ser utilizados se a restauração puder recuperá-los mas acredito que não seja em tempo hábil para que possamos usá-los. Portanto nossa data limite para a pesquisa deve ficar em torno da primeira década deste século. Temos tentado o cruzamento dos dados conforme apontamos no projeto mas nem sempre encontramos as pessoas que procuramos. As dificuldades são sobretudo pelos nomes que são muito comuns e possuem uma infinidade de homônimos. As vezes, eles nos conduzem a casos interessantes e a outras mulheres que foram indiciadas mas que não passaram pela Detenção ou Presídio. Esta primeira versão deste relatório-texto sofrerá algumas modificações e estará em seu formato definitivo no próximo e último relatório. Gostaria como último adendo, acrescentar que a demora deste relatório deveu-se a um problema de saúde que sofri no mês de setembro, do qual felizmente me restabeleci após tratamento (gastrite). Estou enviando os dados do livro mais representativo que obtive até agora, ele é o livro que mais contém prisões de mulheres libertas paulistas e trouxe dados que se

repetem nos outros livros.

Sem mais, cordialmente

Lúcia Helena Oliveira Silva

Lúcia Helena Oliveira Silva

livro 5413

mulheres detentas

DADOS

meses de abril a julho de 1892

350 folhas x 3 = 750 detentas 34 paulistas

1) IDADES(qual a idade das detentas fichadas)

18.....1

19.....1

20.....4

21.....1

224

23.....3

24.....6

25.....4

26.....1

28.....1

30.....2

35.....2

43.....1

TOTAL.....34

2) PROFISSÕES

cozinheira.....	11
lavadeira.....	20
costureira.....	01
não tem.....	02
TOTAL.....	34

3) QUANTIDADE DE PRISÕES

Mathilde Ribeiro.....	7
Paschoa Ma. da Conceição.....	3
Francisca Alves.....	2
Magdalena Ma. da Conceição.....	2
Joana Ma. da Conceição.....	2
apenas uma prisão.....	18
TOTAL.....	34

4) TIPOS DE DELITOS MAIS COMUNS

vagabundagem/desordem.....	15
vagabundagem/ébria.....	06
prática de atos imorais.....	01
desobedecer normas em vigor.....	01
sem causa declarada.....	01
TOTAL.....	25

5) ENDEREÇOS (a partir do mais citado)

1-Rua do Nuncio, 35 (6 vezes a mesma pessoa)	7
2-Rua de Sta Alexandrina.....	1
3-Rua de São Salvador.....	1
4-Rua do Passeio(40),.....	1
5-Beco do Cotovelo (9).....	1
6-Rua da Prainha(38),.....	1
7-Rua do Gal. Pedra (24, 17),.....	2
8-Rua do Gal. Caldwell,.....	1
9-Cascadura,.....	2
10-Beco do Ferreiro (11),.....	1
11-Ladeira do Castro(2),	1
12-Rua do Alcantara(21),.....	1
13-Rua do Senador Vergueiro(14).....	1
14-Rua do Senhor dos Passos.....	1
15-Rua da Misericórdia,.....	2
16-Rua Teofilo Otonni(65).....	1
18-Rua Sete de Setembro(205).....	1
19-Rua do Senador Pompeu,.....	1
20-Largo do Machado,.....	1
21-Rua da Assembléia,.....	1
22-Rua da Assunção,.....	1
23-Rua do Conde d' Eu,.....	1
24-Sem endereço.....	1

6)TEMPO DE PRISAO CONFORME AS PENAS

Vagabundagem/ desordem0 a 26 dias
 vagabundagem/ébria.....6 a 26 dias
 prática de atos imorais.....25 dias
 desordem normas em vigor.....01 dias
 sem motivo declarado.....02 dias

1)IDADES

17.....1
 18.....1
 23.....2
 24.....3
 25.....3
 26.....2
 35.....2
 62.....1
 sem declarar idade....5
 TOTAL.....20

2) PROFISSÕES

lavadeira.....	7
cozinheira.....	7
costureira.....	1
engomadeira.....	1
serviços domésticos.....	2
sem profissão.....	2
TOTAL.....	20

3) QUANTIDADE DE PRISÕES

Antonieta M. Victoria.....	2
Elvira Carolina de Souza.....	2
TOTAL.....	4

4) TIPOS DE DELITOS MAIS COMUNS

vagabundagem/desordem.....	9
vagabundagem / termo de bem viver.....	1
vagabundagem/orgia.....	3
sem causa declarada.....	5
TOTAL.....	18

7) ESTADO CIVIL

solteiras.....	11
casada.....	03
viúva.....	01
sem declarar idade...	04

Anexos

Despesas pessoais

Campinas- Rio de Janeiro.....	\$ 164,96
Passagens urbanas.....	\$ 40,00
Alimentação.....	\$ 400,00
Sub-total.....	\$ 604,96

despesas gerais

xerox.....	\$ 50,00
Livros.....	\$ 247,40
Revistas.....	\$ 35,00
Auxiliar para copilação e digitação.....	\$ 350,00
Sub-total.....	\$ 682,40
Total.....	\$1.287,36